

O Filho Pródigo e os homens gays

Uma releitura de Lc 15.11-32 na perspectiva das teorias de gênero e sexualidade

*Para Marcos, com amor*¹

Resumo: O artigo discute as relações entre os personagens da parábola do Filho Pródigo. Inicia com uma discussão sobre a aplicação das categorias de gênero no estudo de textos bíblicos, e também a necessidade de ampliar estes conceitos com os estudos sobre sexualidade. Após algumas considerações exegéticas, o artigo analisa o texto desde a experiência de homens gays usando a história de Henrique como espelho. Pergunta pelos motivos da saída do filho e faz relação com a migração sexual, questiona a interpretação moralista de sua experiência e a culpabilização de seus atos, o retorno como negação de si mesmo e a aceitação como possibilidade de novas relações.

Palavras-chave: Filho pródigo, homossexualidade, Teologia Gay.

Abstract: The article discusses the relationship between the characters in the parable of the Prodigal Son. It starts with a reflection about the applicability of gender categories in the study of biblical texts, and also the need to widen the discussion with the studies about sexuality. After some exegetical considerations, the article analyses the text from the experience of gay men using Henrique's story as a mirror. It asks for the reasons why the son left and makes the connection to sexual migration, questions the moralist interpretations of his experience and the blaming of his acts, the return as a denial of oneself and the acceptance as a possibility for new relations.

Key-words: Prodigal son, homosexuality, Gay Theology.

Bíblia, categorias de gênero e masculinidades

A introdução deste volume já traz uma reflexão substancial sobre a compreensão do tema das masculinidades, a utilização de categorias de gênero e o percurso trilhado pela teologia bíblica feminista, da qual somos devedores. Mesmo assim, considero importante fazer algumas considerações que serão importantes para acompanhar o caminho que proponho para a interpretação de Lc 15.11-32, bem como para colocar algumas questões metodológicas importantes para este exercício.

Alguns pressupostos desta leitura estão, assim, dados: a metodologia da leitura popular da Bíblia, e sua busca pela relação entre a vida (experiência) e o texto bíblico, dentro de uma perspectiva hermenêutica que foge da busca da verdade do texto em si para indagar pela sua verdade na relação com quem interpreta; e as categorias de gênero que especificam esta

experiência buscando não apenas as formas como as relações de gênero acontecem no texto, mas de que forma elas se relacionam com aquilo que compreendemos como relações de gênero libertadoras em nosso contexto. Neste sentido, o texto não é um fim em si, mas um elemento dialógico-relacional no processo de conscientização e transformação da realidade.²

A utilização das categorias de gênero no estudo das masculinidades tem aspectos inovadores mas, ao mesmo tempo, limitadores. Por um lado, homens que têm se apropriado deste referencial estão fazendo análises diferenciadas dos processos de construção da identidade masculina, questionando aqueles aspectos destes processos que os desumanizam e ensaiando novas possibilidades de ser homem. Por outro lado, as teorias de gênero têm se mostrado, por vezes, limitadas quando não se articulam com os estudos na área da sexualidade. Como afirmei em outro lugar:

As reflexões sobre gênero, se desvinculadas das reflexões sobre sexualidade desenvolvidas no âmbito dos Estudos Gays e Lésbicos e da Teoria Queer, correm o risco de criar outras identidades estáticas, pretensamente libertas, quando ainda excluem uma multiplicidade de possibilidades, tanto com relação ao próprio papel social desempenhado por homens e mulheres, quanto pela vivência do seu desejo expresso através da sexualidade.³

Para fazer este exercício é importante não perder de vista o que várias biblistas feministas já apontaram: os textos bíblicos foram concebidos, selecionados, canonizados e interpretados dentro de um contexto e a partir de uma ideologia patriarcal, ou seja, desde a perspectiva da experiência de homens que representam aquilo que vem sendo chamado de “masculinidade hegemônica”.⁴ Além disso, pode-se dizer que este contexto também é heterocêntrico, apesar da dificuldade de aplicar conceitos contemporâneos ao mundo bíblico.⁵ De qualquer forma, o sexismo e a misoginia características do patriarcalismo estão intimamente relacionadas com a

¹ Devo a inspiração e provocação para estudo deste texto a Marcos Armange ao compartilhar seu estudo desta parábola desde a perspectiva do perdão e as conversas que tivemos sobre ela.

² Estas afirmações apresentam, de uma forma extremamente simplificada, aquilo que se vem desenvolvendo na América Latina nas últimas décadas e bastante evidente para qualquer leitor/a familiarizado/a com a Teologia da Libertação, Leitura Popular da Bíblia, Educação Popular e Teologia Feminista Latino-Americana. Colocar estas afirmações aqui busca prevenir a perda deste referencial ao abordar questões não tão pacíficas.

³ A. S. MUSSKOPF, **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram**, p. 11. Veja também A. S. MUSSKOPF, **Identidade masculina e corporeidade – Uma abordagem queer**, onde apresento o contexto das mudanças em termos de masculinidades com a “crise do macho” e as limitações das principais abordagens sobre este tema na atualidade por centrarem sua análise na experiência de homens heterossexuais.

⁴ Veja E. S. FIORENZA, **Discipulado de iguais**, p. 171-199; G. D. COMSTOCK, **Gay theology without apology**, p. 27-48.

⁵ Sobre utilização de conceitos como homossexual/heterossexual e outros termos relacionados na interpretação de textos bíblicos desde uma perspectiva gay/queer veja A. S. MUSSKOPF, **Talar Rosa**, p. 128ss; A. S. MUSSKOPF, **Bíblia, cura e homossexualidade**; e também R. GOSS, **Queering Christ**, p. 204-220.

homofobia e o heterossexismo, com conseqüências importantes para a leitura e interpretação de textos bíblicos desde as categorias de gênero e sexualidade.⁶

Abordar a Bíblia e as masculinidades utilizando a metodologia da leitura popular e as chaves hermenêuticas das teorias de gênero e da Teoria Queer significa demonstrar e criticar a sua estrutura patriarcal enquanto homens com uma experiência diferenciada. Significa ler o texto a partir de nossa experiência enquanto homens buscando chaves libertadoras para aqueles aspectos da construção social e sexual da masculinidade marcados em nossos corpos e que nos desumanizam e desumanizam nossas relações. É preciso fazer a leitura sem apologia, sem desculpar os textos e as relações opressivas que se dão em seu contexto, mas buscar neles formas de resistência a este sistema opressor.

O ponto de partida assumido neste artigo é o da experiência de homens gays. Neste sentido, não busca validação para a homossexualidade através de várias estratégias hermenêuticas adotadas por muitos teólogos gays mas, como afirma R. Goss, “é o horizonte ou lugar social de onde eu entro no texto, o torno queer, e o trago para dentro do meu próprio mundo queer de significados e prática cristã empoderada”.⁷ Ou como afirma G. D. Comstock:

*... histórias bíblicas em sua maioria giram em torno das preocupações e controle de homens poderosos e aquelas pessoas que os servem; e eu estou convencido agora que lê-los apologeticamente sem crítica ou protesto significa permitir que eles me diminuam, significa me acomodar a eles. Querendo ou necessitando encontrar aprovação, compreensão, um lugar, uma conexão dentro deste enorme documento ou dentro da minha família ampliada freqüentemente obscureceu o impacto de ser excluído deles. Assim, eu tenho que encarar o fato de que se eu encontrar alguma ligação, alguma conexão, com eles, ela deve ser encontrada no fato de reconhecer e me dar conta desta exclusão.*⁸

História da interpretação

O texto sobre o qual queremos nos debruçar neste artigo (Lc 15.11-32) seguramente é um dos mais conhecidos na Bíblia. Usado na catequização de crianças e em pregações nos púlpitos das igrejas faz com que seu enredo seja conhecido e seu simbolismo atuante. Não há grandes dúvidas sobre a mensagem transmitida por esta parábola: é a história de um pai e seus dois filhos; o mais jovem, visto como rebelde, ingenuamente pede sua parte na herança, sai da casa do pai e vai descobrir que a vida do lado de fora da casa é cruel; ele se comporta

⁶ Veja B. HARRISON, **Misogyny and homofobia**

⁷ R. GOSS, **Queering Christ**, p. 215. Sobre as diversas estratégias hermenêuticas gay/queer veja A. S. MUSSKOPF, **Queer: Teoria, hermenêutica e corporeidade**.

⁸ G. D. COMSTOCK, **Gay theology without apology**, p. 51.

irresponsavelmente, chegando à ruína e passa por inúmeras humilhações que fazem com que ele decida retornar à casa do pai; o pai, ao invés de impor sua autoridade e poder, recebe o filho de braços abertos, sem ressentimentos e dá uma festa para comemorar; o filho mais velho, ao saber do acontecido, se revolta com a benevolência do pai, pois se sente injustiçado.⁹

De fato, a mensagem transmitida parece muito clara: o filho jovem passa por um processo de aprendizado que o levará à conversão, fazendo com que retorne à casa do pai; o filho mais velho também precisa passar por um processo de conversão, embora este precise se libertar da rigidez do sistema ao qual serve. Os filhos, cada um de seu modo, representam posturas que precisam ser corrigidas, um por desprezar a casa do pai e abandoná-la e o outro por sua falta de compaixão e flexibilidade. O pai é o grande herói da trama. Ele é modelo de quem dá liberdade aos seus filhos e que os acolhe quando as coisas dão errado. Sua postura é associada à imagem de um Deus compassivo.¹⁰

Em seu caráter parabólico, remetendo a uma verdade que está além da história que narra¹¹, comentaristas têm apontado para a novidade que o texto sugere: dentro de uma estrutura patriarcal, onde o pai detém o poder sobre tudo e todas as pessoas, este pai rompe com os laços patriarcais e, em compaixão, recebe o filho que o renegou de volta. Mas será que de fato há uma subversão do modelo de família patriarcal neste texto? E quem é que rompe com esta estrutura? O objetivo deste artigo é olhar para o texto a partir das relações que se dão nele, dentro do contexto do estudo das masculinidades, e apontar para as possibilidades de resistência ao sistema patriarcal/heterocêntrico.¹²

Algumas introduções (exegéticas) sobre o texto

Como afirmado acima, não há grandes disputas sobre o significado do texto em estudo. Comentaristas concordam que o tema central é a necessidade de arrependimento e conversão para o exercício do discipulado e a abundância do amor gracioso e misericordioso de Deus. Em geral se localiza o texto dentro do bloco que vai de Lc 9.51-19.28 afirmando que este bloco trata

⁹ Qualquer comentário sobre este texto concordaria com os traços gerais desta interpretação embora geralmente ressaltam aspectos específicos da parábola. B. J. ESSEX, **Bad boys of the New Testament**, p. 25, traz um balanço rápido destas interpretações.

¹⁰ Todos os comentários mencionados nas “Referências Bibliográficas” apoiam esta interpretação.

¹¹ Para um breve interpretação da função da “parábola” veja B. J. ESSEX, **Bad boys of the New Testament**, p. 25.

¹² Como afirma D. L. TIEDE, **Luke**, p. 277, “Esta é uma história humana. Seu poder e força emergem da realidade de suas personagens”.

das características do seguimento a Jesus proferidas no caminho para Jerusalém.¹³ Especificamente no capítulo 15, com seu “tríplice parabólico”, Jesus fala às “grandes multidões que o seguiam” (14.25), aos “publicanos e pecadores que se aproximavam para o ouvir” (15.1) e “aos fariseus e escribas que murmuravam” (15.2), pregando o papel de cada um desses grupos na sua relação com Deus. Seu foco está naquilo que foi “perdido”, e a importância que tem para Deus.

As duas primeiras narrativas (ou parábolas) preparam o terreno para a parábola do filho perdido. A primeira (v. 3-7) traz um exemplo do mundo do camponês pastor de ovelhas e a segunda (v. 8-10) do mundo doméstico das mulheres. Sua função é mostrar aos escribas e fariseus a importância dos/as “perdidos/as” para o Reino de Deus, contradizendo a acusação que estes fazem a Jesus: de que come com pecadores e publicanos (v. 15.2b). Segundo comentaristas, estas duas primeiras parábolas, tratando de “objetos perdidos” são levadas ao seu auge na parábola do Filho Pródigo, por seu caráter humano e por contrastar a experiência dos dois filhos com a misericórdia do pai, aqui identificado como Deus, e a felicidade diante do arrependimento e retorno.¹⁴

O tema central do capítulo 15, assim, está no arrependimento e na conversão daqueles/as que foram “perdidos”. Isso fica mais forte no final das primeiras duas parábolas: “Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (15.7); “Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (15.10). Mas a parábola do Filho Pródigo amplia esta necessidade de arrependimento para aqueles/as que se sentem justos/as e cumpridores/as da lei, apresentando a intransigência e moralismo do filho mais velho, exemplificando a postura de escribas e fariseus. Ambas/os necessitam arrepender-se e converter-se, mudar de caminho.

Diante disto, nos perguntamos qual é a novidade de analisar este tema desde as categorias de gênero e sexualidade como proposto acima. Fazemos o exercício e avaliemos ao final.

Lendo desde a experiência

A saída

¹³ Veja J. I. WENZEL, *O caminho do seguimento no Evangelho de Lucas*, p. 44; C. MESTERS; M. LOPES, *O avesso é o lado certo*, p. 76ss; A. STÖGER, *O evangelho segundo Lucas*, p. 13ss; J. RIUS-CAMPS, *O Evangelho de Lucas*, p. 181ss.

Henrique cresceu com o sentimento de que havia algo de errado com ele. Piadinhas na escola, reclamações do pai que queria que ele se interessasse por coisas mais masculinas eram algumas das coisas que o incomodavam. Na adolescência a situação apenas piorou. Não se interessava por muitas coisas que seus amigos faziam e se sentia pressionado a participar delas para não ser excluído do grupo e ridicularizado. Estudava muito, sonhava em crescer e conquistar o afeto e o respeito das pessoas sendo alguém de sucesso. Na pequena cidade em que vivia, isso significava ter um bom emprego, casar e ter filhos. Como gostava de estudar, achou que para isso acontecer deveria fazer faculdade e preparar-se bem. Aos 18 anos tinha um bom emprego e com promessas de ascensão profissional, mas decidiu largar tudo e ir para a capital estudar. Não tinha grandes conflitos com a sua família e tinha respeito da comunidade. Muitas pessoas achavam que devia ter continuado no seu emprego já que tinha chances de crescer. Mas a saída do ambiente familiar e conhecido descortinaram uma novo mundo de possibilidades para ele.

A parábola do filho pródigo começa sem dar muitas explicações. O filho mais moço pede a sua parte da herança e parte para uma terra distante. Não sabemos nada do relacionamento familiar e apenas mais tarde o texto falará da compaixão do pai e da inveja do filho mais velho e da sua presteza em seguir a estrutura familiar tal como concebida então. O filho mais velho trabalhava como servo do pai, cuidando o que, em grande parte, seria seu quando da morte do pai pelo direito da primogenitura.

O texto não tem interesse em dar informações sobre as relações desta família. Neste sentido, deixa aberta a possibilidade de imaginar, um exercício tão caro a teólogas feministas e teólogos gay/queer.¹⁵ Na verdade, as lacunas de informação do texto sobre vários aspectos das relações familiares são sempre preenchidas por exercícios de imaginação, mesmo quando comentaristas não o explicitam. Wenzel, por exemplo, afirma que “a alegria que [o filho mais moço] experimentara na casa do pai em nada se compara com o vazio deixado pela experiência de ser estrangeiro”.¹⁶ B. J. Essex afirma que “este garoto esteve fora por todo esse tempo (não sabemos por quanto tempo) e fazendo só Deus sabe o quê (mas nós temos nossas suspeitas)”.¹⁷ D. L. Tiede afirma que “o filho **mais novo** caminha em direção a problemas, e todo mundo sabe”.¹⁸ A. Stöger afirma que “a vida na casa do pai, com suas ordens e instruções, tornou-se pesada ao filho que busca a autonomia e que deseja viver a seu livre arbítrio”.¹⁹ Todas estas suspeitas e suposições são frutos da imaginação dos/as comentaristas, já que estas informações

¹⁴ Veja B. J. ESSEX, *Bad boys of the New Testament*, p. 28s; A. STÖGER, *O evangelho segundo Lucas*, p. 59; D. L. TIEDE, *Luke*, p. 273;

¹⁵ Cf. R. GOSS, *Queering Christ*, p. 212 ss. O autor se refere ao uso das categorias “phantasie” (Dorothee Soelle) e “hermenêutica de atualização criativa” (E. S. Fiorenza) pelo teólogo gay Robert Williams em *Just as I am*.

¹⁶ J. I. WENZEL, *O caminho do seguimento no evangelho de Lucas*, p. 61.

¹⁷ B. J. ESSEX, *Bad boys of the New Testament*, p. 30.

¹⁸ D. L. TIEDE, *Luke*, p. 278.

não estão dadas no texto. A diferença é o ponto de partida que se assume para fazer a leitura e como são usadas as informações que são dadas.

De qualquer forma, não sabemos quais os motivos que levaram o filho mais moço a pedir sua parte na herança e sair para uma terra distante. A história da interpretação nos leva a questionar o seu caráter já que o desfecho do texto o apresenta como alguém irresponsável. Sabemos apenas que a estrutura familiar na qual estava envolvido seguia os padrões patriarcais tradicionais. Por ser o mais moço sua parte na herança é inferior a de seu irmão e o pai abre mão dela sem necessidade. Ao receber sua parte na herança, segundo o padrão social, é como se o filho morresse, assim que no retorno do filho o pai afirma “esse teu irmão estava morto e reviveu” (15.32b).²⁰

A partir disso, podemos definir alguns aspectos da estrutura familiar. No mundo greco-romano, o οἶκος é a estrutura familiar onde o *pater familias* tem autoridade e poder sobre todos os outros membros da família. É uma estrutura hierárquica que não pressupõe o diálogo mas a obediência às diferentes graduações da estrutura familiar.²¹ Por mais que apontemos para a benevolência e abertura do pai que divide seus bens e os coloca à disposição do filho, em primeiro lugar é o filho quem rompe com a família. Ele decide por trilhar seus próprios caminhos, longe da vigilância e poder do pai, o *pater familias*. Talvez fosse mesmo irresponsável, ou quisesse fazer outra experiência, sentia-se inquieto, preso no contexto familiar. O certo é que a parábola não apresenta nenhuma resistência da parte do pai, nenhuma tentativa de persuadi-lo, nenhum diálogo sobre sua decisão aparentemente inesperada.²²

Henrique não vive numa estrutura familiar greco-romana, embora sua família não esteja isenta de preconceitos e divisão hierárquica de poderes. Mas se sente enclausurado em sua família e em sua comunidade. Quer ir para terras distantes buscar algo que não sabe bem o que é. Quer conhecer as possibilidades, quer descobrir-se, ter a liberdade de conhecer a si mesmo e crescer como pessoa.

¹⁹ A. STÖGER, **O evangelho segundo Lucas**, p. 66.

²⁰ Para informações sobre os procedimentos na partilha da herança segundo as leis judaicas veja M. A. ARMANGE, **A experiência do perdão**, p. 6; A. STÖGER, **O evangelho segundo Lucas**, p. 66; B. J. ESSEX, **Bad boys of the New Testament**, p. 31; M. D. GOULDER, **Luke**, p. 613.

²¹ Para estudos sobre a estrutura familiar greco-romana veja: M. J. STRÖHER, “**A Igreja na casa dela**”, p. 18-19; M. J. STRÖHER, **Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo**, p. 151-156; L. W. COUNTRYMAN, **Dirt, greed & sex**, p. 147-167; E. S. FIORENZA, **As origens cristãs a partir da mulher**, p. 322-359.

²² Cf. D. L. TIEDE, **Luke**, p. 277ss. O autor fala da falta de sensibilidade do pai que não dialoga com o filho que deseja partir, nem o escuta quando ele retorna.

Henrique conseguiu um emprego na capital e logo fez amigos na faculdade. Começou a sair e conhecer a vida numa grande cidade. Acabou se aproximando de Antônio e ficaram muito amigos. Numa de suas conversas sobre a faculdade e a vida na cidade Antônio contou a Henrique que era gay. Henrique se assustou pois não sabia muito o que isso significava, mas gostava muito de Antônio e aos poucos foi entendendo que isso não fazia diferença. Mais do que isso, começou a sair com Antônio para ambientes gays e descobrindo a si mesmo. O sentimento de que era diferente, que não se encaixava, tão forte na infância e adolescência, começavam a fazer sentido. Ele também era gay e estar longe da família, no anonimato de uma grande cidade, permitiram que Henrique se assumisse enquanto homossexual, embora não sem conflitos.

Em seu livro “A mobilidade da senzala feminina” Ivone Gebara apresenta e analisa a problemática de mulheres pobres do nordeste brasileiro e sua vocação para a mudança, movimentação. Ela descreve o contexto patriarcal e opressivo no qual estas mulheres vivem e do qual elas fogem migrando para outros lugares. Com todos os aspectos específicos que esta mobilidade pressupõe, Gebara nos ajuda a pensar para além dos motivos puramente econômicos que fazem com que as mulheres mudem de um lugar para outro buscando “uma vida melhor”. Ela nos fala do caráter de gênero e sexual desta migração de mulheres que querem romper, consciente ou inconscientemente, com o sistema opressivo patriarcal.²³

Ao analisar a comunidade gay no Brasil, Richard Parker coloca o seu desenvolvimento dentro do contexto econômico, político e cultural mais amplo das mudanças ocorridas no Brasil nos séculos XIX e XX. O rápido crescimento populacional no final do século XIX e a acelerada urbanização e industrialização no século XX transformaram as estruturas da sociedade brasileira. Assim, “na maior parte dos últimos cinquenta anos (...) a principal fonte de abastecimento da força de trabalho industrial era a migração interna”.²⁴ Mas, assim como Gebara, o interesse de Parker é acrescentar um elemento que passa despercebido nas pesquisas sobre migração no Brasil: a questão sexual. Como Parker muito bem coloca, as motivações para estas migrações não são singulares, mas complexas. Mesmo assim, é importante não perder de vista a questão sexual na decisão das pessoas de se deslocarem de um lugar para outro. Pois, segundo ele “para muitos homens gays ou bissexuais, questões ligadas à sexualidade fazem parte da decisão de se mudar e das experiências que vivem após estas mudanças”.²⁵

²³ Cf. I. GEBARA, **A mobilidade da senzala feminina**.

²⁴ R. PARKER, **Abaixo do Equador**, p. 178. Para o contexto mais amplo veja p. p. 145-174.

²⁵ R. PARKER, **Abaixo do Equador**, p. 260.

No contexto destas motivações está, como na história de Henrique, o sentimento de inadequação, a dificuldade da família em lidar com as diferenças em sua estrutura patriarcal, a busca por uma vida melhor, mais livre, pois:

*... na medida em que a vida urbana é construída dentro do imaginário social como um local de relativa liberdade e oportunidade, como uma alternativa à característica opressiva da vida no interior ou nas pequenas cidades, talvez deva-se esperar que essas imagens se traduzam em liberdade sexual.*²⁶

Como afirmado acima, não sabemos quais os motivos que levaram o filho mais moço a sair de casa e estamos conscientes de que estamos lidando com uma parábola, com um objetivo pedagógico, e não buscando descobrir o que de fato aconteceu já que não se trata da narrativa de um fato concreto. Estamos usando a imaginação, a partir da experiência de homens gays, para tentar encontrar uma mensagem que faça sentido no contexto desta experiência. Por isso, prossigamos!

A vida fora de casa

Henrique entrou de cabeça no mundo gay da capital. Saía quase todas as noites e voltava já de manhã. Foi a saunas, bares, boates. Conheceu muitas pessoas e teve muitos contatos sexuais. Alguns com homens que nunca mais viu, outros viraram namoros rápidos. Foi assaltado diversas vezes andando pelas ruas escuras no meio da noite e até mesmo por um homem que conheceu numa boate e levou para seu apartamento. Numa noite foi abordado pela polícia e agredido verbalmente diante da suspeita de que era gay. Gastava todo seu dinheiro em roupas que estavam na moda, com bebida e eventualmente usava drogas com seus parceiros. Faltou ao trabalho algumas vezes e quando não chegava atrasado mal conseguia realizar suas tarefas, o que resultou na sua demissão. Seu rendimento acadêmico caiu drasticamente, e em algumas disciplinas reprovou por excesso de faltas. O novo mundo cheio de sedução que estava conhecendo e a inexperiência e ingenuidade de Henrique o levaram para situações perigosas e muitas vezes desumanizantes. O dinheiro que seu pai mandava mal dava para pagar a faculdade e o aluguel.

O texto de Lc 15 mais uma vez não nos revela explicitamente o que aconteceu com o filho mais moço depois que saiu da casa do pai. Apenas afirma que ele “dissipou todos os seus bens vivendo dissolutamente” (v. 13b). Sua situação foi agravada pela situação econômica do país que passou por “uma grande fome”, fazendo com que passasse necessidade e acabasse indo cuidar de porcos, onde “desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada” (v. 16). Conforme D. L. Tiede:

*Exatamente como ele **dissipou** o dinheiro não está claro, mesmo que o irmão mais velho o acuse de desperdiçar os bens com meretrizes (v. 30). Quando a RSV diz **vivendo dissolutamente**, está traduzindo um termo um tanto vago que diz “vivendo*

²⁶ R. PARKER, *Abaixo do Equador*, p. 247.

*de forma não-saudável” (Gr: asotos). Certamente isto não é bom, e ele jogou fora sua herança. Mas não é tão sinistro como o irmão mais velho e muitos/as intérpretes imaginam.*²⁷

Há uma tentativa, dentro do próprio texto, e mais fortemente na história da interpretação, em culpar o filho mais moço por sua desgraça. O próprio irmão mais velho utiliza a suposta forma como o outro irmão viveu sua sexualidade para fundamentar sua indignação e estabelecer a culpa. A única acusação que levanta no texto é o fato de ter desperdiçado o dinheiro com meretrizes (πορνῶν ἠλθεν).²⁸ Em nenhum momento do texto se pergunta pelos motivos que levaram o filho a sair da casa do pai e que o levaram a envolver-se em situações que o prejudicaram, fazendo com que vivesse uma vida “não-saudável”.

Homens gays, como Henrique, conhecem bem estas acusações. No caderno “Igreja e homossexualismo”, Arzemiro Hoffmann apresenta “alguns casos de pessoas [obreiros] que foram acusadas (ou flagradas) em procedimentos homossexuais”. Vejamos os casos:

Caso I. *O obreiro foi flagrado na tentativa de sedução de menores de idade (pedofilia). (...)*

Caso II. *O obreiro foi flagrado com um companheiro em seu próprio apartamento na ocasião em que sua esposa viajava. (...)*

Caso III. *O obreiro nunca foi flagrado em nenhum relacionamento, embora suas atitudes causassem um ambiente de suspeita na comunidade. Devido a sua personalidade complicada, prepotente, vedetista, nunca permaneceu por um tempo mais prolongado em uma mesma paróquia.*

Caso IV. *O obreiro com atitudes altamente suspeitas tratou de se relacionar apenas com rapazes no grupo de jovens, expondo as meninas ao ridículo. Usou seu status ministerial para abrir crediários mas foi mau pagador.*²⁹

Aliada a suas interpretações de textos bíblicos específicos a análise destes casos leva o autor a concluir que “fica evidenciado que a Igreja deve desrecomendar a ordenação de pessoas homossexuais praticantes ao ministério eclesiástico”.³⁰ Seria impressionante, senão fosse tão

²⁷ D. L. TIEDE, **Luke**, p. 278. (RSV= Revised Standard Version). Segundo o autor, referindo-se ao uso de “Parábola do Filho Pródigo” para este texto, “Como a palavra ‘pródigo’ refere-se primeiramente ao desperdício extravagante da herança do filho, o título tradicional chama atenção para a imoralidade do filho, talvez até reforçando uma interpretação moralista. Mas neste caso a compreensão do filho mais velho tem a última palavra. Ele tinha a moral da história bem preparada” (276). Segundo B. J. ESSEX, **Bad boys oof the New Testament**, p. 29, o termo *asotos* “ocorre somente outras três vezes no Novo Testamento e o significado refere-se a entregar-se a vícios e falta de disciplina moral (veja Ef 5.18, Tt 1.6; e 1Pe 4.3). O texto não explica as atividades do jovem rapaz em detalhes mas ele pode ter se envolvido em bebedeira, licenciosidade, farra e total revolta”.

²⁸ M. D. GOULDER, **Luke**, discute o texto de Lc 15.11-32 em comparação com Mt 21.28-32 (a parábola dos dois filhos), e afirma que ele substitui a expressão “publicanos e meretrizes” em 15.1 “talvez porque pensasse que ‘meretrizes’ fosse um pouco forte para os membros da igreja” (p. 603), introduzindo as “meretrizes” na fala do filho mais velho: “O primeiro filho, simbólico dos pecadores de Mateus, está ‘perdido’ – isto é, ele vai ao exterior e leva uma vida pecaminosa. O πορνῶν de Mat 21.31f pode perfeitamente ter seu lugar nisto (15.30)” (p. 610).

²⁹ A. HOFFMANN, **Como lidar com a homossexualidade na comunidade?**, p. 56-57.

³⁰ A. HOFFMANN, **Como lidar com a homossexualidade na comunidade?**, p. 57.

comum e popularizado, este tipo de compreensão moralista e reducionismo da experiência de homens gays. Quem tem o mínimo conhecimento e interesse em compreender os processos de descoberta, aceitação e construção da identidade gay precisa perguntar-se pelos motivos que levam esses homens a agir de determinada forma. Não cabe aqui dar uma explicação deste processo já que há vasta literatura refletindo sobre isso. Basta afirmar que as vulnerabilidades às quais muitos destes homens estão expostos está intrinsecamente ligada ao sistema heterocêntrico que estrutura as sociedades ocidentais. O medo do preconceito, da discriminação e da violência, a falta de modelos positivos, a invisibilização do mundo gay circunscrito a guetos e locais e espaços marginais na sociedade, são alguns dos fatores que geram estas vulnerabilidades.³¹

Julgamentos apressados e preconceituosos sobre a experiência de homens gays como Henrique, relacionando todas as situações adversas em que acabam se envolvendo como conseqüência lógica da sua forma de viver a sexualidade, podem muito bem ser identificados com a culpabilização do filho mais moço do texto de Lucas. A leitura feita desde a experiência de homens gays quer saber quais os motivos pelos quais ele decidiu sair de casa e como acabou se envolvendo em um modo de vida não-saudável. Usar a imaginação e a experiência gay para fazer esta leitura pode levar a uma identificação entre homens gays e o filho pródigo.

O retorno

A vida de Henrique tornou-se um verdadeiro inferno. Tudo o que tinha imaginado conquistar com sua ida para a capital tinha ido por água abaixo. Estava desempregado, ia mal nos estudos, e sentia que o fato de ser homossexual estava ligado com sua desgraça. Orou a Deus pedindo que o livrasse desta condição, para que pudesse reconstruir sua vida, casar, ter filhos, conseguir um bom emprego, ser respeitado, como sempre tinha imaginado. Quanto mais tentava fugir da sua homossexualidade, mais sentia que o desejo por homens era parte dele mesmo. Namorou garotas e sentia-se um farsante, enganando as moças para tentar fugir de si mesmo. Sua situação financeira ia de mal à pior. Não conseguiu emprego e se viu sem dinheiro nem para comer. Fazia tempo que tinha saído da sua cidade e nunca mais voltara. A vida nova na capital parecia incompatível com a vida na casa do pai e na sua cidade de origem. Pensou em voltar para a casa de seu pai, onde não passaria necessidade, mas não sabia como ele lidaria com a sua homossexualidade. Talvez a única saída fosse voltar e esconder da sua família, mas isso significaria abdicar de sua sexualidade ou viver uma vida dupla, de mentiras.

As dificuldades enfrentadas pelo filho mais moço de Lucas 15 em decorrência da forma como conduziu sua vida longe da casa do pai fazem com que ele se arrependa da sua iniciativa e negue a si mesmo. Ele se sente perdido, frustrado e sem ver nenhuma possibilidade a não ser o

³¹ Veja, por exemplo, L. K. GRAHAM, **Discovering images of God**, para um estudo não-moralista da experiência gay.

regresso. Imagina que à sua volta o pai reaja dentro do sistema patriarcal. Por isso seu objetivo é respeitar o sistema, e antes de ser negado pelo pai ele nega a si mesmo como filho: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores” (v. 18b-19).

A opção de voltar para a casa do pai é impensável para muitos homens gays. Diante do medo da rejeição e a relativa liberdade e tranqüilidade que experimentam longe da família, este retorno se torna impraticável. Na experiência de Henrique, e de outros homens gays, no entanto, esta pode parecer a única saída. Diante dela, a opção mais viável parece ser voltar “para dentro do armário”, negar a si mesmo e viver uma heterossexualidade fictícia que impedirá o confronto com a família e uma possível expulsão. Para muitos é difícil de imaginar uma abertura da parte da família, especialmente do pai, aquele que geralmente expressa o modelo de masculinidade ao qual traíram ao assumir sua homossexualidade.

O filho mais moço de Lc 15, ao sair da casa do pai em busca da sua identidade, acabou negando e perdendo aquilo que fundamentava a sua identidade até então. Ele perdeu seu status de filho, ele se tornou um estrangeiro e, por fim, ao conseguir trabalho cuidando de porcos nega também os preceitos da sua religião.³² Para M. Armenge o “cair em si” representa o auto-perdão do filho. É preciso perdoar-se a si mesmo para então poder receber o perdão do pai. Segundo o autor, “o jovem percebe o erro que havia cometido ao abandonar a família e toda a abundância que lá era oferecida”.³³ Perdão, arrependimento e conversão andam juntos. Na experiência de homens gays e nos discursos da maioria das igrejas isso significa negar a sua sexualidade e, em última instância, a sua identidade.

Não há nada no texto que permita concluir que o filho mais jovem deseja voltar para casa por algum motivo que vá além da vontade de suprir necessidades básicas. O jovem reflete: “Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome!” (v. 17), o que é perfeitamente justificável. As relações e a estrutura familiar não são, em nenhum momento, qualificadas nem como afirmativas, nem como opressoras. Para homens gays, a opção entre uma vida marginal e a possível/provável necessidade de adequação a um modelo patriarcal definidor dos papéis masculinos os coloca numa encruzilhada.

Henrique, por fim, decidiu voltar à casa do pai. Para sua surpresa este o recebeu de braços abertos. Não fez nenhum tipo de pergunta. Ficou imensamente feliz pelo retorno do filho, depois de tanto tempo, e convidou toda a vizinhança para uma festa

³² Cf. A. STÖGER, *O evangelho segundo Lucas*, p. 67.

³³ M. ARMANGE, *A experiência do perdão*, p. 8s.

de boas vindas. Seu irmão, Cláudio, quando soube, não gostou muito da idéia. Sempre tinha achado Henrique meio irresponsável e não tinha aprovado a idéia do irmão de ir estudar na capital, deixando-o sozinho para ajudar os pais. Além disso, o dinheiro que o pai enviava todo mês para pagar a faculdade e o aluguel de Henrique na capital, tinha feito falta no orçamento da família, fazendo com que Cláudio tivesse que adiar o seu sonho de comprar uma moto. Ele confrontou o pai e nem sequer apareceu na festa.

Não apenas o filho mais novo ficou surpreso com a atitude do pai na parábola do filho pródigo. O filho mais velho chega a confrontar o pai e acusá-lo de ser injusto com ele. Esta também não é a experiência da maioria dos homens gays que revelam sua identidade sexual a membros da família. Ostracismo, negação, silêncio e até violência são muito mais comuns. Romper com o sistema heterocêntrico envolve uma reconstrução da estrutura familiar e comunitária que parece estar além das possibilidades da maioria das famílias.

De fato, a postura do pai, recebendo o filho de volta em sua casa tem um potencial subversivo da estrutura familiar patriarcal. Ele dá liberdade para que o filho vá e experimente o mundo – embora pareça silenciar na hora de dar recomendações e ajudar o filho a viver esta experiência positivamente. Ele também o recebe de volta sem restrições quando este vê a sua tentativa frustrada.³⁴ Ele parece questionar, ou pelo menos flexibilizar, a estrutura familiar patriarcal diante da atitude do filho mais velho, cuja revolta se justifica pelo desejo de manter e reforçar esta estrutura. Segundo B. J. Essex “o filho mais velho nesta parábola representa todos/as nós que nos sentimos substituídos/as pelo acolhimento daqueles/as que nós rejeitamos por Deus”.³⁵ Do ponto de vista das relações isso significa questionar os padrões patriarcais e heterocêntricos baseados/as no acolhimento de Deus.

O texto termina sem resolver a questão. Não sabemos o que o filho mais velho fez depois de confrontar o pai e não participar da festa, como seguiu a relação do filho mais novo com o pai e com o outro irmão, de que forma as relações seguiram sendo construídas e reconstruídas. É esta abertura do texto para a resposta e experiência de quem o lê que permite imaginar e construir novas relações nas nossas vidas.

Que comece a festa! – A possibilidade de novas relações

³⁴ Esta interpretação parece ser o consenso, inclusive da parte de teólogos gays que mencionam o texto. Veja, por exemplo, R. GOSS, *Jesus acted up*, p. 73; L. W. COUNTRYMAN, *Dirt, greed & sex*, p. 183.

³⁵ B. J. ESSEX, *Bad boys of the New Testament*, em sua análise do texto enfatiza justamente o papel do filho mais velho, fazendo referência à “eterna disputa entre irmãos” tão comum nas narrativas bíblicas (p. 24, 31-32).

O objetivo deste artigo não é fazer uma reconstrução histórica de Lc 15.11-32 para apresentar evidências da homossexualidade do filho pródigo. Seu objetivo é fazer uma releitura deste texto a partir das relações que se dão no texto em termos de gênero e sexualidade. Neste sentido, sua primeira afirmação, com base nas informações que o próprio texto apresenta, é de que a estrutura familiar apresentada é essencialmente patriarcal. Tanto que todos os personagens são homens, aqueles que de fato importam no contexto familiar, e a trama se desenrola ao redor do tema dos direitos (à herança) que estes homens têm dentro desta estrutura. No mundo patriarcal das masculinidades hegemônicas os homens detêm o poder e são eles que de fato importam.

Neste contexto essencialmente patriarcal/masculino, nos deparamos com a opção de um deles de romper com esse sistema. Este rompimento não é tratado com muita importância pelos outros homens, mas é o motor central de toda a trama. É o seu retorno, e a forma como ele é recebido pelo pai, que tumultua a estrutura patriarcal causando a revolta do irmão mais velho. A forma como a sua vida fora de casa/da família é apresentada, mas principalmente interpretada pelos/as comentaristas, como a consequência lógica da traição a esta estrutura. Suas opções equivocadas geram consequências desastrosas e sua única saída é o retorno à “segurança” da estrutura familiar.

Grande parte dos/as comentaristas sugerem que a forma como este filho desgarrado é recebido pelo pai pressupõe uma mudança na forma como esta estrutura é compreendida. Rompendo com a hierarquia o pai aceita e acolhe o filho em amor. Esta sem dúvida é uma interpretação válida e importante, e também parece estar de acordo com a postura de Lucas com relação à estrutura familiar (veja Lc 8.19-21).

Homens gays, em geral, são vistos como traidores da masculinidade hegemônica. Pela forma como constroem a sua identidade e pelo potencial de criação de novas relações que esta construção engendra, são excluídos do universo patriarcal masculino heterocêntrico e punidos severamente por isso (por outros homens e também por mulheres).³⁶ As adversidades enfrentadas fora deste sistema são imputadas como culpa por sua “opção” subversiva. Por isso, fazer a releitura de Lc 15.11-32 desde a experiência de homens gays implica fazer outras perguntas ao texto, sobre as relações que são apresentadas e a possibilidade de construção de novas relações.

³⁶ Sobre a relação entre homossexualidade masculina e modelos de masculinidade veja A. S. MUSSKOPF, **Uma brecha no armário**, p. 77-119.

B. J. Essex, ao utilizar interpretações psicológicas freudianas e jungianas afirma que a premissa desta parábola é a busca pela reconciliação e integralidade da família. Segundo esta análise, tanto o filho mais novo quanto o mais velho estão alienados da família que pode ser reconstruída pelo amor imedido do pai.³⁷ Também J. Rius-Camps fala de “uma nova relação afetiva” sobre a forma como o pai recebe o filho mais novo.³⁸ Mas a pergunta que homens gays fazem ao texto é: que tipo de nova relação se estabelece entre estes homens? Que tipos de concessões eles terão que fazer para serem reintegrados à família? De que forma este arranjo familiar será reconstruído? As respostas a estas perguntas não estão dadas no texto. Elas precisam ser construídas com coragem e ousadia para enfrentar o machismo, a supremacia masculina, o heterossexismo das relações. É preciso sair do lugar cômodo do moralismo e pensar na concretude das novas relações que se estabelecem com o retorno do filho. Como este pai que está aberto para acolher o filho, que segundo D. L. Tiede “[está] cheio de compaixão (...), [sai] ‘correndo’ pela estrada, isto é, abandonando todo o decoro diante de seus/suas servos/as, dos/as vizinhos/as, de si mesmo, e Deus, então abraçando-o e beijando-o (...). Esqueça a moralidade!”³⁹

É preciso compreender que o processo de saída não é simplesmente uma traição à família, mas, muitas vezes, parte necessária no processo da construção da identidade de homens gays. Pois como afirma R. Parker sobre as comunidades gays no Brasil:

À medida que se tornam mais prevalentes, as subculturas e comunidades gays criam para muitos homens a possibilidade de imaginar uma vida nova e diferente, e claramente estimulam alguns homens a se deslocar. As estruturas que sustentam essas comunidades por sua vez reforçam os homens que se mudam – oferecendo-lhes acesso a redes de amizade, oportunidades de emprego, opções de moradia e coisas deste tipo.⁴⁰

Também é importante não perder de vista os riscos e perigos que esta saída e que estes guetos podem representar para estes homens que saem sem saber bem em busca do quê.⁴¹ A saída pode ser cheia de possibilidades, mas também cheia de riscos.

No contexto das relações entre estes três homens isso significa pensar em que tipo de conversão é necessária. Não é a simples conversão do filho mais moço que, arrependido da sua iniciativa libertadora retorna aos laços e amarras de um sistema familiar fechado, mas a conversão do sistema familiar que precisa, de fato, mostrar-se como um lugar seguro, com

³⁷ Cf. B. J. ESSEX, **Bad boys of the New Testament**, p. 34-36. Ela se baseia nas obras de Mary A. Tolbert e Dan O. Via.

³⁸ Cf. J. RIUS-CAMPS, **O evangelho de Lucas**, p. 254.

³⁹ D. L. TIEDE, **Luke**, p. 278-279.

⁴⁰ R. PARKER, **Abaixo do equador**, p. 260.

⁴¹ Para uma análise das limitações dos guetos gays desde a teologia veja J. M. CLARK, **Beyond our ghettos**.

abundância não apenas material mas de afeto, a ponto de acolher a sua nova construção identitária.

Se o pai representa Deus no imaginário simbólico que este texto conclama a consequência direta é possibilidade de uma imagem de Deus fora do padrão heterocêntrico. Não apenas um Deus-pai-heterossexual que benevolmente acolhe o filho “apesar” de sua experiência, mas um Deus que participa destas relações misturado nelas, deixando aberta a possibilidade de múltiplas identificações e construções.

Ou seja, a experiência narrada no texto de Lucas, espelhada na experiência de Henrique e de muitos outros homens gays, permite a visualização da construção das identidades masculinas e o questionamento de um padrão único de masculinidade. Ao deixar aberta a trama no final da narrativa chama o/a leitor/a a imaginar novas possibilidades de relações entre homens e com Deus. Por outro lado, também levanta o questionamento pela ausência de mulheres, e qual o seu papel na ecologia de relações que inclui mas ultrapassa o universo destes homens.

As Paradas Gays, que acontecem no mundo todo reunindo milhões de pessoas e se configurando possivelmente como o maior movimento social organizado da atualidade, são uma manifestação política desta comunidade que luta para sair da invisibilidade e por direitos que garantam sua dignidade. Apesar de criticadas por muitas pessoas, estas Paradas configuram-se como uma grande festa cuja principal marca é a diversidade respeitada e experimentada em alegria e diversão. É significativo que o texto em estudo termine numa festa que marca a reconciliação e a possibilidade de novas relações. É isto que o movimento gay e a parábola do filho pródigo nos sugerem. Pois que comece a festa!⁴²

André S. Musskopf
IIEPG/EST
Bolsista CNPq
asmusskopf@hotmail.com

Referências Bibliográficas

- ARMANGE, Marcos A. **A experiência do perdão**. Monografia não-publicada. São Leopoldo: IEPG, 2005.
- COMSTOCK, Gary D. **Gay Theology without apology**. Cleveland: Pilgrim, 1993.
- COUNTRYMAN, L. William. **Dirt, greed & sex**. Philadelphia: Fortress, 1988.
- ESSEX, Barbara J. **Bad boys of the New Testament**. Cleveland: Pilgrim 2005.

⁴² Devo esta idéia a Kirenia Criado, que em uma de nossas conversas me disse que “o retorno começa com uma festa!”.

- FIORENZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher**. São Paulo: Paulinas 1992.
- FIORENZA, Elisabeth S. **Discipulado de iguais**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- GOSS, Robert E. **Queering Christ**. Cleveland: Pilgrim, 200.
- GOSS, Robert. **Jesus acted up**. New York: HarperCollins, 1993.
- GOULDER, Michael D. **Luke – A new paradigm**. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1994.
- GRAHAM, Larry K. **Discovering images of God – Narratives of car among lesbians and gays**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1997.
- HANKS, Tom. **The subversive gospel**. Cleveland: Pilgrim, 2000.
- HARRISON, Beverly. *Misogyny and homophobia*. In: ROBB, Carol S. (edit.). **Making the connections – Essays in feminist social ethics**. Boston: Beacon Press, 1985. p. 3-73.
- HOFFMANN, Arzemiro. *Como lidar com a homossexualidade na comunidade?* In: WEINGARTNER, Martin (ed.). **Igreja e homossexualismo**. Série A Caminho do Reino. Curitiba: Encontro, 2000.
- MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. **O avesso é o lado certo – Círculos bíblicos sobre o Evangelho de Lucas**. São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Paulinas, 1998.
- MUSSKOPF, André S. *Bíblia, cura e homossexualidade – “Homens sejam submissos ao seu próprio marido. Da mesma forma, mulheres sejam submissas às suas esposas*. In: **RIBLA**. N° 49. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 93-107.
- MUSSKOPF, André S. *Identidade masculina e corporeidade – uma abordagem queer*. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (org.). **Corporeidade, etnia e masculinidade – Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005. p. 80-107.
- MUSSKOPF, André S. *Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram*. In: **Práticas & Reflexão – CECA em Revista**. Ano I, nº 2. São Leopoldo: CECA, 2005. p. 7-13.
- MUSSKOPF, André S. *Queer: teoria, hermenêutica e corporeidade*. In: TRASFERETTI, José (org.). **Teologia e sexualidade – um ensaio contra a exclusão moral**. São Paulo: Átomo, 2004. p. 179-212.
- MUSSKOPF, André S. **Talar Rosa – Homossexuais e o Ministério na Igreja**. São Leopoldo: Oikos, 2005.
- MUSSKOPF, André S. **Uma brecha no armário – Propostas para uma Teologia Gay**. 2ª edição. São Leopoldo: CEBI, 2005.
- PARKER, Richard. **Abaixo do equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- RIUS-CAMPS, Josep. **O Evangelho de Lucas – O êxodo do homem livre**. São Paulo: Paulus 1991.
- STÖGER, Alois. **O evangelho segundo Lucas**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- STRÖHER, Marga J. **“A Igreja na casa dela”**. Série Ensaio e Monografias, N° 12. São Leopoldo: IEPG, 1996.
- STRÖHER, Marga J. **Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo**. Tese de Doutorado. São Leopoldo: IEPG, 2002.
- WENZEL, João Inácio. **O caminho do seguimento no Evangelho de Lucas**. São Leopoldo: CEBI, 1998.
- TIEDE, David L. **Luke – Augsburg Commentary on the New Testament**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1998. p. 272-281.